

Sociedade 31 de Janeiro de 1913

A Sociedade 31 de Janeiro nasceu certamente inspirada no 1º Movimento Republicano de 1891 no Porto, sabemos que havia em Fanhões muitos Republicanos um dos quais José Ferreira Cleto que fez parte da Junta Revolucionária de Loures em 4 de Outubro de 1910.

www.cm-loures.pt/media/pdf/PDF20160930101500161.pdf

Existe uma forte possibilidade da sede desta Sociedade também estar ligada a Associação de Calceteiros que existiu em Fanhões à altura e seria a primeira associação de classes existente no Concelho de Loures.



Para nos ajudar a compreender esta parte da história de Fanhões, passamos a citar a obra do historial da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Fanhões de autoria de Carlos Barbosa e que é um importante documento de referência da vida da Freguesia de Fanhões.

“Em 1910 divergências internas que tinham a ver com o movimento republicano, surgido e todo o País e que tinha como grandes animadores em Fanhões, António Gomes Valadares, João Bernardo Duarte, Joaquim Tomás (de alcunha o Pisco) e José Grande, acabaram por proporcionar o nascimento de outra Banda, tendo a Sociedade de Recreio Fanhoense (Música Velha – Banda dos Talassas) ficado apenas com 16 músicos.

Em 1913 das divergências atrás referidas, nasceu a Sociedade 31 de Janeiro (Música Nova – Banda dos Republicanos).

Esta nova Banda, teve como primeira sede, uma casa que ainda hoje existe, no Adro do Fogo (Largo 5 de Outubro), passando depois para o chamado barracão de Luiz dos Santos (Caixa).

No entanto, a existência desta Banda foi de curta duração, com o aparecimento da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), muitos dos seus executantes foram mobilizados, dado que eram elementos jovens. Com a sua desagregação, os restantes músicos vieram a integrar a Música velha.

Um dos impulsionadores da Música Nova, Conhecido por José Grande, tentou ainda, depois de regressar da guerra, uma reorganização da Banda, mas, sem resultados positivos.

A Música Nova teve como regente o Senhor Soares, que mais tarde veio a ser maestro da Música Velha. Seria certamente pessoa com qualidades, porque há testemunhos que nos indicam que a Música Nova teve em determinado período melhor que a Música Velha.

Vivia-se na época a grande influência da família dos Borriços. Dos quatro irmãos músicos, três vieram a ser profissionais da Banda da Marinha. Talvez por isso, tiveram períodos que ora faziam parte de uma Banda , ora de outra.

Tendo a Música Velha ficado apenas com 16 músicos, a sua continuação ficou a dever-se a algumas pessoas que foram “grandes homens de rija têmpera”, tais como Joaquim de Oliveira Borriço (Tio), António Domingues Pereira (pai do ti Minguitos), Domingos Ferreira (pai do Ti Frederico) e outros, conforme testemunhou em vida Isidoro Machado Careca.

O primeiro foi o Professor primário José Duarte Arouncha (da família dos fundadores), a que se seguiram: Almada Pereira, Amaro Minguichas, Sr Henrique, Sr Soares. Estes, os nomes pelos quais eram conhecidos.

Por Curiosidade, referimos que Silvestre Duarte (de alcunha Padreco) músico da Banda Velha, onde era executante de Clarinete, já nessa época ensinava aprendizes, a 2\$50 por mês cada um. Era Sapateiro e devido à profissão, ora tocava na Música Velha, ora na Música Nova. Esta mudança era feita, de acordocom a origem da remessa de sapatos que lhe chegavam à mão para consertar.

Durante esta fase mais longínqua da vida da Sociedade, contam-se alguns episódios passados.

Eram feitos concertos em Fanhões com alguma regularidade. Numa Festa da Música Velha, depois da Banda terminar o seu concerto, dirigiram-se para o cimo das Lapas, a fim de assintir ao Fogo de Artifício. Por outro lado, a Música nova, que se tinha deslocado a Cabeço de Montachique, à quinta do Dr. Bossa da Veiga, vinha de regresso a Fanhões.

Cruzaram-se na recta da Quinta das Val de Maias e fez-se um silêncio absoluto. Ninguém imaginava qual seria o pensamento do outro. Eis que uma voz da assistência, Germano Machado Careca, disse: “Viva uma e viva a outra”, desanuviando assim o pesado ambiente, afastando a possibilidade de conflito.”